



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A MEMÓRIA E A DOMESTICAÇÃO DO HOMEM EM NIETZSCHE

Ciro Renan Oliveira Prates*
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva**
(UESB)

RESUMO

Este artigo é fruto de estudos referentes ao campo multidisciplinar da memória e tem como fundamentação teórica textos de Nietzsche a respeito do processo de formação da consciência por meio da constituição de uma memória que se opõe ao esquecimento. O objetivo deste trabalho é mostrar a compreensão nietzschiana do movimento de interiorização do homem e de inibição de seus instintos a partir da relação entre dano e reparação que culmina na conformação do homem aos limites do convívio social.

PALAVRAS-CHAVE: Esquecimento; memória; castigo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um desdobramento das discussões que têm sido realizadas no interior do campo multidisciplinar da memória as quais tomam como fundamento os pressupostos teóricos de Friedrich Nietzsche acerca da elaboração do homem enquanto

*Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e doutorando pelo mesmo programa; integrante do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso- GPADis; bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; e-mail: ciroprates@hotmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Professora Titular/Pleno do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, onde atua como professora pesquisadora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS); líder do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso – GPADis e do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) – GPEL; pesquisadora nível 2 do CNPq; e-mail: con.fonseca@gmail.com.



ser capaz de manter promessas por meio da invenção de uma memória. Trata-se, na verdade, do início de uma caminhada, uma primeira etapa de investigação a qual consiste em mostrar o que vem a ser memória segundo a compreensão nietzschiana e qual a sua importância no processo de formação do homem como ser social, quando o mesmo adquire a capacidade de sujeitar sua própria vontade às exigências sociais.

Neste breve artigo, atemo-nos fundamentalmente às ideias apresentadas por Nietzsche ([1887] 2013) em sua obra *Genealogia da moral*, na qual o filósofo alemão publicou três dissertações. Este trabalho concentra-se primordialmente na segunda dissertação em que Nietzsche ([1887] 2013) trata das concepções de culpa e de má consciência a partir da relação entre dano e reparação por meio do castigo, relação responsável pela inibição dos instintos primevos do ser humano.

ESQUECIMENTO, MEMÓRIA E INTERIORIZAÇÃO DO HOMEM

Criar um animal capaz de fazer promessas é, de acordo com Friedrich Nietzsche ([1887] 2013), uma tarefa paradoxal, mas, em grande parte, resolvida. Para o filósofo, o esquecimento não deve ser compreendido como sendo uma força inercial, mas sim uma força inibidora, que atua ativamente e positivamente. O ato de esquecer possibilita, diz, uma espécie renovação de nossa capacidade de assimilação psíquica, algo como uma digestão na qual tudo o que experimentamos ou vivenciamos não mais é absorvido por nossa consciência. É uma força que, conforme Nietzsche ([1887] 2013), bloqueia momentaneamente as entradas da consciência, mantendo-nos, inclusive, alheios aos movimentos internos de nosso corpo, dando-nos um pouco de tranquilidade, possibilitando que haja espaço para o novo. Tal limpeza do espírito, afirma, faz com que haja lugar para funções do organismo hierarquicamente mais importantes, como para o reger, para o prever ou para o predeterminar. O esquecimento é uma “[...] espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 43). Sem ele, continua, não há oportunidade para a felicidade, para a jovialidade ou para o presente. Caso essa função inibidora fosse prejudicada e o espírito



se tornasse inapto a digerir o que absorve, Nietzsche (2013) explica que o homem ficaria rigorosamente incapacitado.

Quem pode se instalar no limiar do instante, esquecendo todo passado, assegura Nietzsche ([1887] 2003), é impelido a agir e a viver. Por isso mesmo, afirma, é possível viver mesmo com poucas lembranças e, ao contrário, é impossível viver sem o esquecimento. Da mesma forma que um animal não pode manter-se apenas ruminando, o homem sucumbiria pela falta de novidade, visto que o esquecimento consiste em uma força plástica restauradora.

Não obstante a necessidade de esvaziar o espírito, de abrir portas e janelas para a novidade, o homem desenvolveu uma faculdade oposta. Segundo Nietzsche ([1887] 2013), apesar de a capacidade de esquecer ser uma expressão de saúde forte, uma força positiva, benéfica para o homem, este produziu uma capacidade contrária: a memória. Com essa faculdade, esclarece, o esquecimento pode ser interrompido sempre que é preciso prometer. De acordo com o filósofo, a memória possibilita uma mudança significativa na qual o espírito não apenas não consegue se livrar de uma impressão recebida, mais do que isso, passa a não querer mais se livrar dela. Busca, como ele mesmo diz, prosseguir querendo mantê-la. Trata-se, consoante Nietzsche ([1887] 2013), de uma verdadeira memória da vontade, na qual “[...] entre o primitivo "quero", "farei", e a verdadeira descarga da vontade, seu ato, todo um mundo de novas e estranhas coisas, circunstâncias, mesmo atos de vontade, pode ser resolutamente interposto, sem que assim se rompa esta longa cadeia do querer [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 44). Tal invenção implica em uma série de questões.

Para fazer uso do futuro e enxergar coisas distantes como se estivessem no presente, segundo Nietzsche ([1887] 2013), o homem precisou desenvolver uma capacidade de antecipação, aprendendo a distinguir os acontecimentos casuais dos acontecimentos necessário. Foi forçado, diz, a calcular, a contar e a prever o fim, bem como os meios para sua realização. O homem teve de aprender a confiar e, portanto, ele mesmo teve de se tornar confiável, afirma Nietzsche ([1887] 2013). A fim de que pudesse responder por si como ser capaz de prometer, o filósofo explica que o homem



teve que se tornar constante e necessário também para si, em sua própria representação.

Tudo isso estaria na origem da responsabilidade. Uniformizar o homem, fazer dele um ser necessário e constante foi uma condição para que ele se tornasse confiável, diz Nietzsche ([1887] 2013). Por sua vez, esses atributos, continua, foram imprescindíveis para que se pudesse criar um animal capaz de fazer promessas. Nietzsche ([1887] 2013) chama de moralidade do costume o longo trabalho que o homem realizou sobre si próprio durante grande parte de sua existência. Tal é o objetivo final dessa jornada, a razão de todo esse trabalhado. O homem se torna realmente confiável, de acordo com Nietzsche (2013), com a ajuda da moralidade do costume e do que ele chamou de camisa de força social.

Em relação a esse longo caminho de elaboração do homem por si mesmo, Nietzsche ([1887] 2013) esclarece que seu ponto de chegada diz respeito ao que chamou de indivíduo soberano. Este se diferencia dos demais, sendo igual apenas a si mesmo, segundo diz, visto que, já livre da moralidade do costume, se torna um indivíduo autônomo, supramoral. Em outras palavras, de acordo com Nietzsche ([1887] 2013), o resultado final desse processo é o surgimento de um homem capaz de fazer promessas, cuja vontade própria é duradoura e independente. Nesse homem “[...] encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 45). Esse ser soberano, senhor de sua vontade, em conformidade com Nietzsche ([1887] 2013), desperta a confiança, o temor e a reverência dos que não podem responder por si mesmos. Como consequência, aquele que é capaz de dominar a si próprio obtém o governo de todos aqueles cuja vontade é mais pobre ou que são menos seguros de si.

Origem da responsabilidade e também da consciência na medida em que o reconhecimento dessa condição soberana se transforma em instinto dominante. O homem que alcança tal condição, que ostenta uma vontade persistente, implacável, consoante Nietzsche ([1887] 2013), toma a si mesmo como medida de valor, passando a julgar os demais com base nele próprio. De modo que exalta todos aqueles os quais

considera como sendo seus iguais, os igualmente fortes e confiáveis, capazes de manterem suas promessas apesar das adversidades que, por ventura, venham a enfrentar e que menospreza aqueles que, ao contrário, se mostram inseguros, inconstantes, que não mantêm sua palavra, nos diz Nietzsche ([1887] 2013). Esse instinto dominante, continua, é chamado de consciência.

Quanto ao processo de formação da consciência por meio da constituição de uma força contrária ao esquecimento, Nietzsche ([1887] 2013) parte da seguinte problematização: "[...] Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento [...]" (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 46)? Trata-se, como ele mesmo diz, de uma questão muito antiga e que exigiu medidas severas. Chama a atenção para a mnemotécnica, a qual define como sendo uma das mais terríveis e inquietantes invenções da pré-história do homem. Para ilustrar, o filósofo retoma um antigo provérbio o qual diz: "[...] Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória [...]" (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 46). O ato de jurar, de empenhar a palavra, traz consigo um passado sombrio repleto de horrores, assegura o autor. Ele enfatiza que em cada expressão ritualística na qual há solenidade, gravidade, segredo, esse horror persiste. "[...] Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória [...]" (NIETZSCHE, 2013, p. 46). Para nos tornarmos sérios, diz, sofremos as mais terríveis aflições. O filósofo enumera uma série de suplícios infligidos ao homem por si mesmo: sacrifícios, como o dos primogênitos; mutilações, a exemplo das castrações; e os mais cruéis rituais praticados pelas religiões – no que se refere às religiões, Nietzsche ([1887] 2013) afirma que todas elas são, em última análise, sistemas de crueldades.

Tudo isso, em sua concepção, decorre do fato de que se encontrou na dor a base da prática mnemônica. Todo ascetismo, defende, está fundamentado nesse princípio. Qualquer ideia que se deva fixar a fim de que seja inesquecível, para que se torne tão profundamente arraigada que seja praticamente onipresente no espírito, de acordo com Nietzsche ([1887] 2013), está inexoravelmente relacionada ao princípio da dor inerente às diferentes formas de ascetismo.



Mesmo as condições essenciais do convívio social exigiram um esforço incalculável que, consoante Nietzsche ([1887] 2013), pode ser observado materializado no rigor das leis penais, prova do esforço para superar o esquecimento e a debilidade da vontade dos que se deixam levar pelas paixões e pelos vícios. Ele cita os alemães como exemplo. Basta olhar para a antiga jurisprudência alemã, diz, para que se possa calcular o preço pago pela confiança e pela seriedade daquele povo. Os alemães “[...] souberam adquirir uma memória com os meios mais terríveis, para sujeitar seus instintos básicos plebeus e a brutal grosseria destes [...]” (NIETZSCHE, 2013, p. 47). Em seguida, o autor lista alguns dos suplícios comuns na Alemanha em certa época, como: o apedrejamento; a roda, na qual a vítima era amarrada a uma armação em forma de cruz que, ao ser girada, partia os membros do supliciado; o empalamento, punição na qual se enfiava uma estaca trespassando o condenado a fim de lhe provocar uma morte lenta e dolorosa; a fervura do criminoso em óleo; e o esfolamento.

Exibições públicas cujas imagens o autor acredita que possibilitaram a consolidação de determinadas convicções do espírito, estabelecendo uma memória com a qual foi possível fixar uma vontade que prevalecesse frente às distrações ou tentações, fazendo com que aqueles homens se tornassem confiáveis o bastante para que pudessem fazer promessas e, a partir daí, pudessem usufruir dos benefícios da sociedade. Em outras palavras, foi justamente por meio dessa memória que o homem chegou à razão, à seriedade, como nos diz Nietzsche (2013), exercendo o domínio sobre seus afetos e alcançando todo o seu refinamento, sua consciência.

Desdobrando essa discussão sobre a relação entre dor e consciência, ele se pergunta como surge a ideia de culpa. Contrariando as teorias acerca da origem da má consciência defendidas pelos genealogistas da moral até então, ele explica que a imposição do castigo se deu pela lógica da reparação do dano sofrido, pela equivalência entre dano e dor, “[...] pela ideia de que qualquer dano encontra seu equivalente e pode ser realmente compensado, mesmo que seja com a dor do seu causador [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 48). Em outras palavras, durante a maior parte de nossa história, afirma, os castigos não eram aplicados porque alguém se comportou dessa ou daquela maneira, mas sim porque, tendo lesado um outro, era necessária a reparação.



Ideia profundamente arraigada cuja força, nos mostra Nietzsche ([1887] 2013), advém da relação contratual entre credor e devedor, remetendo a sistemas elementares de compra, venda e troca. Coube àquele homem, ainda sem confiança, cuja responsabilidade ou firmeza ainda estivesse sendo colocada à prova, estabelecer uma memória, diz. Para tanto, explica, foi necessário, antes de mais nada, que, enquanto devedor, desse garantia de sua seriedade para que sua promessa passasse a merecer alguma credibilidade. Foi preciso, conforme o autor, que a ideia da restituição fosse reforçada na consciência de tal modo a se tornar um compromisso impreterível, e isso se deu a partir do estabelecimento do contrato. Por meio do contrato, empenha-se “[...] ao credor, para o caso de não pagar, algo que ainda ‘possua’, sobre o qual ainda tenha poder, como seu corpo, sua mulher, sua liberdade ou mesmo sua vida [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 49). Em contrapartida, cabia ao credor, continua, expor o corpo do devedor a todo tipo de suplício desde que houvesse uma correspondência de valor.

Foi estabelecida uma espécie de economia da tortura na qual se podia avaliar legalmente com precisão e minúcia a respeito de membros e demais partes do corpo as quais poderiam ser legitimamente cortadas para o cumprimento de uma reparação. A lógica dessa fórmula, ele a explica muito bem, está na troca de uma vantagem diretamente relacionada ao dano, como, por exemplo, uma compensação em dinheiro ou bens, por uma satisfação íntima, concedida ao credor como forma de reparação e de recompensa – satisfação suscitada pelo prazer de afrontar, de poder fazer o mal a alguém, de poder descarregar sua cólera livremente. “[...] Através da ‘punição’ ao devedor, o credor participa de um direito dos senhores; experimenta enfim ele mesmo a sensação exaltada de poder desprezar e maltratar alguém como ‘inferior’ [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 50). A compensação é, desse modo, uma maneira legitimada, regrada do exercício da crueldade.

O resultado da implementação desse sistema de correção por meio do castigo foi o alargamento da memória, a intensificação da prudência e uma melhora na capacidade de julgar a si próprio. Estabeleceu-se, diz, uma vontade de agir de maneira mais prudente, desconfiada e sigilosa. Com o castigo, houve um crescimento do medo que, por



sua vez, implicou em um maior controle dos desejos. Desse modo, argumenta que o homem foi domado, mas não necessariamente melhorado.

Como resultado desse processo, diz o seguinte: “[...] vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 67). Em sua compreensão, o homem estava adaptado a um modo de vida nômade e selvagem, amparado por seus instintos, familiarizado com a guerra e com a aventura, mas, de repente, ao ser forçado a mudar radicalmente sua vivência, se viu desamparado. “[...] Para as funções mais simples sentiam-se canhestros, nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos – estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 67). Em outras palavras, o homem se viu reduzido à sua consciência e essa seria a razão de um profundo mal-estar.

Sentimento experimentado porque a necessidade de satisfazer aqueles instintos permaneceu, ainda que raramente houvesse oportunidades para vazão. E esse impedimento em relação às nossas necessidades primárias também produziu seus frutos. “[...] Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’ [...]” (NIETZSCHE, [1887] 2013, p. 67). Dessa maneira, na medida em que o homem foi sendo inibido, seu mundo interior foi adquirindo profundidade, largura e altura, se expandindo e se estendendo. A domesticação, diz, fez com que o interior do próprio homem se transformasse em uma câmara de tortura, em uma memória.

CONCLUSÕES

Nosso estudo mostra de que maneira a memória está relacionada à domesticação do homem segundo a teoria nietzschiana. Como pudemos ver, Nietzsche perfaz um longo caminho referente à consolidação de um processo de formação da consciência.



Primeiramente, descreve o período mais longo de nossa história no qual somos guiados por nossos instintos primevos no enfrentamento dos desafios concernentes a um modo de vida errante e selvagem. Nesse primeiro momento, vimos, o esquecimento exerce uma função extremamente importante, preparando o espírito para o novo, ajudando na digestão das informações e impressões advindas da experiência. O esquecimento, na concepção de Nietzsche ([1887] 2013), é uma força ativa e verdadeiramente positiva, condição de saúde para o homem.

Em seguida, pudemos observar como Nietzsche ([1873-1876] 2003; [1887] 2013) relata o surgimento de uma força contrária ao esquecimento, a invenção de uma memória. Esta, por sua vez, implica no domínio da vontade e submissão dos instintos primários a um instinto dominante, a consciência. Essa mudança permite que o homem se torne confiável, capaz de prometer e passe a exercer o domínio sobre si mesmo, sobre a natureza e sobre aqueles cuja vontade não seja tão firme. O homem que surge desse processo é chamado por Nietzsche ([1887] 2013) de soberano, um ser autônomo e supramoral.

Mostramos a associação entre memória e castigo que, de acordo com Nietzsche ([1887] 2013), está fundamentada na relação entre dano e reparação. A instrumentalização***** da dor, como vimos, foi crucial nesse processo. Apontamos como o filósofo trata dessa relação e como ele detalha o processo que culmina na invenção de uma má consciência, a qual está ligada diretamente à conformação do homem às exigências sociais. Por fim, trouxemos a concepção de Nietzsche acerca do mal-estar provocado por essas violentas mudanças no modo de vida do homem e que implicaram na constituição de uma memória e em uma expansão de seu mundo interior.

*****Expressão utilizada por Giacoia Junior (2013) para se referir ao papel que Nietzsche atribui ao castigo durante o violento movimento de formação da consciência e da culpa.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

REFERÊNCIAS

GIACOIA JUNIOR, O. **Nietzsche**: o humano como memória e como promessa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Edição original: 1887.

_____. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Edição original: 1873-1876.